

Genealogias mestiças na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó (séculos XVIII-XIX)

Helder Alexandre Medeiros de Macedo (UFRN)

Neste trabalho, procuramos investigar genealogias mestiças na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó¹, cuja sede ficava situada no sertão da Capitania do Rio Grande do Norte, entre o século XVIII e primeiras décadas do século XIX, na tentativa de compreender qual o lugar dos mestiços na formação de famílias nesse território. Entendemos genealogia mestiça como um conjunto de antepassados de determinadas famílias, cujos ancestrais mais remotos, no período colonial, propiciaram a existência de relações de parentesco consanguíneo e ritual com pessoas de diferentes qualidades e condições. Tais genealogias, portanto, são decorrentes das dinâmicas de mestiçagem que se processaram, na América portuguesa, no contexto da ocidentalização.² A Freguesia do Seridó abarcava as ribeiras banhadas pelo Seridó e seus afluentes, tanto na Capitania do Rio Grande, como na da Paraíba, constituindo-se num território cristão/ocidental que se sobrepôs aos antigos territórios indígenas.

A abordagem macro histórica deste estudo diz respeito à intenção de reconstituir o processo de construção do território da Freguesia do Seridó, verificando a presença de elementos luso-brasílicos, africanos, crioulos, índios e mestiços e percebendo como foram traçadas e instituídas instâncias da administração colonial no sertão. Tais instâncias, como o arraial, o regimento militar, a povoação, a freguesia e a vila, tinham como meta fomentar o controle do território e estabelecer relações de poder entre as elites do gado e os grupos sociais economicamente desfavorecidos, dentre os quais, os mestiços. Essa abordagem relaciona-se, ainda, com o propósito de discutir como se deram os primeiros contatos entre os conquistadores luso-brasílicos e os nativos do sertão do Rio Grande, o surgimento das primeiras misturas e as vivências dos índios com os demais grupos sociais que povoaram a freguesia entre o final do século XVIII e começo do século XIX, a partir do exame das fontes paroquiais.

A abordagem micro histórica, por sua vez, encaminha-se para o exame das histórias de vida de Nicolau Mendes da Cruz, da fazenda São José; Feliciano da Rocha de Vasconcelos, da fazenda Barrentas; e Francisco Pereira da Cruz, da fazenda do Saco. A escolha desses personagens, dispersos nas ribeiras que formavam a Freguesia do Seridó, mas, mantendo relações entre si, foi motivada pela representatividade de suas agências enquanto homens de cor,³ por terem deixado parentela (de sangue ou ritual) e, também, pela disponibilidade de fontes documentais que dizem respeito a suas vidas. Trata-se de uma amostra, portanto, da população de sujeitos que deixaram descendência mestiça na freguesia.

Os passos da vida desses três homens de cor, que seguimos neste texto, são fragmentos de uma realidade histórica mais ampla, através dos quais podemos estabelecer algumas ideias, ainda que em nível de hipótese, acerca de como se processaram as mestiçagens no território e época em questão. Antes disso, faz-se necessário que reafirmemos algumas posturas no que diz respeito à utilização desse tipo de abordagem feita em torno do indivíduo.

A primeira diz respeito à questão da escala. Ao reduzirmos a escala de observação, focando nossos olhares na vida dos três personagens, não significa dizer que estamos, apenas, tentando reconstruir, as suas biografias. Nossa preocupação vai mais além, pois, essas biografias (talvez fosse mais apropriado, nesse momento da investigação, falarmos de *fragmentos* biográficos) se constituem enquanto uma possibilidade por meio da qual podemos compreender a maneira como as mestiçagens ocorreram no Seridó. Isto implica aceitarmos a ideia de que, mais que proceder a uma redução de escala, o historiador deve trabalhar com *jogos de escalas*, utilizando o micro para atingir o macro e alternando entre essas duas *lentes* de observação.

No prefácio à obra de Giovanni Levi – *A herança imaterial* –, Jacques Revel nos lembra, a propósito, um dos cuidados que o micro historiador deve ter: o de não estudar o micro pelo micro, mas, de perceber diferentes realidades a cada nível de leitura que empreende nos documentos compulsados, de modo a “conectar essas realidades em um sistema de interações múltiplo”. Isto porque, segundo esse historiador francês, “Os acontecimentos são, naturalmente, únicos, mas só podem

ser compreendidos, até mesmo em sua particularidade, se forem restituídos aos diferentes níveis de uma dinâmica histórica”.⁴

Disso decorre uma segunda atitude: a de que não devemos desvincular a abordagem micro histórica de uma análise que privilegie, também, a problematização do contexto. Embora tenhamos a certeza de que é impossível reconstruir a realidade inteira por meio de um fragmento – aqui, tomado como as trajetórias de Nicolau Mendes, Feliciano da Rocha e Francisco Pereira –, esse mesmo pedacinho do passado pode nos fornecer *algo* da realidade social, dependendo da forma como é analisado. A lição que Giovanni Levi nos proporciona é a de que o indivíduo, historicamente, está ligado a uma realidade normativa. Por conseguinte, “toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo”, diante dessa mesma realidade marcada por normas e maneiras de agir. A tarefa do historiador, nesse sentido, é a de “definir as margens – por mais estreitas que possam ser – da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam”⁵.

Três *corpus* documentais formam a base de dados que utilizamos para responder às indagações desta pesquisa: 1) textos manuscritos oriundos da Igreja Católica Romana, representada pela Freguesia do Seridó, constituídos de assentos de batizado, casamento e morte que cobrem o período de 1788 a 1838, além do livro de tombo (1748-1906) e livro de fábrica (1806-1892); 2) textos manuscritos oriundos do Estado, representado pelo Termo Judiciário da Vila Nova do Príncipe e Povoação do Acari, constituído de papéis avulsos, notas de cartório, testamentos, justificações de dívida e inventários *post-mortem* abarcando o período de 1737-1835 (Comarca de Caicó) e 1772-1835 (Comarca de Acari); 3) textos impressos (a partir de manuscritos) oriundos do Estado, representado pelas Capitânicas da Bahia, Rio Grande e Paraíba, constituídos de cartas de sesmarias inerentes ao período de 1670 a 1822.

Para responder à problemática levantada, partimos da ideia de que os dados e informações que nos interessam não aparecem chapados nas fontes, mas, encontram-se imiscuídos nos diferentes *corpus* documentais. É necessário, assim, que os indícios recolhidos possam ser esquadrihados, comparados com outras

fontes e cruzados com outras realidades – a fim de que possam fornecer uma explicação mínima da realidade do período em estudo –, bem como, observados com minúcia e rigor.⁶ Utilizamos, dessa maneira, como inspiração, a problematização de Carlo Ginzburg acerca do *método onomástico*, o qual utiliza o nome como fio condutor para se construir as redes de sociabilidade onde indivíduos de diferentes qualidades e condições estavam envolvidos.⁷

Acreditamos, também, que a elucidação das questões levantadas neste estudo passa por uma crítica documental aos diferentes tipos de fontes mencionadas,⁸ ainda mais quando referimo-nos a populações marginalizadas historicamente, como os mestiços. Além do mais, temos a consciência de que as fontes mencionadas no parágrafo anterior se constituem enquanto discursos coloniais, carregados de conceitos e de filtros decorrentes do lugar social onde os seus produtores – Igreja, Justiça e Estado – estão localizados. Apresentam, portanto, uma versão fragmentária do passado e restrita à visão de mundo daqueles que os redigiram.

Exploramos, neste trabalho, um universo até então pouco visitado pela historiografia regional produzida sobre o Seridó: o das famílias mestiças, ou seja, aquelas que tinham, em suas gerações mais recuadas no tempo, nos séculos XVIII e XIX, sujeitos de diferentes qualidades e condições, como índios, brancos, pretos, crioulos e pardos, livres, forros e cativos. Os relacionamentos entre essas pessoas, na base de construção de agrupamentos familiares, fez com que seus descendentes, espalhados por diversos lugares da ribeira do Seridó, recebem diversas qualificações nos documentos paroquiais e judiciais que analisamos: *pardos*, *negros* e até mesmo *brancos*, com uma parcela, igualmente, sem qualificação alguma.

A constituição dessas genealogias mestiças se deu no quadro mais amplo da ocidentalização, isto é, da apropriação das terras situadas no além-mar pela empresa ultramarina ibérica, que tomou corpo a partir do século XVI. Paralelamente à submissão de territórios e populações nativas, o movimento de ocidentalização engendrou complexas dinâmicas de mistura entre homens, imaginários e formas de vida oriundos das quatro partes do mundo conhecido – América, África, Europa e Ásia.⁹ É impossível, pois, pensar nessas genealogias sem reportarmo-nos ao papel

que os seus patriarcas – livres, cativos ou forros – tiveram na construção de um novo mundo nos trópicos, cada qual a seu modo e dependendo das circunstâncias históricas.

A Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, criada em 1748, recorte especial deste estudo, representa a materialização dos esforços empreendidos pela Coroa, conjugada com a Igreja, em controlar os antigos territórios nativos e transformá-los em território colonial. Vincular esse território a um orago cristão e dotá-lo das instâncias administrativas competentes – fazendária, religiosa, militar, civil – significaria, a médio ou longo prazo, o povoamento de áreas consideradas desaproveitadas com os súditos do Rei e, assim, a produção de divisas econômicas para a metrópole. Encravada no sertão da América portuguesa, entre as capitanias do Rio Grande e da Paraíba, a Freguesia do Seridó configurou-se, portanto, como instrumento para a conquista das almas e dos territórios do Novo Mundo por parte da empresa ibérica: seus moradores, ao passo que deveriam expressar devoção aos santos do panteão cristão romano, deveriam pagar o dízimo relativo à reprodução do gado nas fazendas e preencherem as fileiras das ordenanças, responsáveis pela defesa e manutenção da ordem.

Nessa freguesia, contudo, não habitavam somente pessoas vindas do além-mar ou filhos e filhas de marinheiros que cruzaram o Atlântico e seus descendentes, que, das vilas açucareiras, irradiaram-se em busca do sertão para começar vida nova. Em trabalhos anteriores já tivemos oportunidade de demonstrar que as guerras de extermínio, movidas pelas forças coloniais entre o fim do século XVII e começo do século XVIII, não conseguiram exterminar a totalidade dos nativos que habitava as ribeiras do sertão da Capitania do Rio Grande.¹⁰ Por outro lado, numericamente falando, portugueses e luso-brasílicos não eram maioria, ao menos, nos registros de paróquia da freguesia referentes às últimas décadas do século XVIII e começo do século XIX.¹¹

Ainda assim, a imagem que permaneceu, por considerável tempo, na historiografia regional – e, porque não dizer, entre a população seridoense que lia tais livros e difundia seu conhecimento –, era a de que o sertão do Seridó tinha tido uma colonização majoritariamente portuguesa e/ou luso-brasílica. Uma pessoa que fizesse a leitura de obras como *Famílias Seridoenses*, de José Augusto Bezerra de

Medeiros ou *Velhas famílias do Seridó*, de Olavo de Medeiros Filho, publicados, respectivamente, nos anos de 1940 e 1980,¹² dessa maneira, poderia ter uma ideia equivocada acerca da história da região. As famílias apresentadas nesses livros são *apenas* aquelas cujos patriarcas eram lusitanos ou filhos de portugueses, poderosos senhores de terras, gados e escravos, e cujos descendentes, de certa maneira, mantiveram-se, por muito tempo, em cargos políticos, administrativos, militares e religiosos na antiga Freguesia do Seridó: os Medeiros Rocha, os Araújo Pereira, os Dantas Corrêa, os Pereira Monteiro, os Garcia de Araújo, os Batista dos Santos, os Gonçalves de Melo, os Azevêdo Maia, os Lopes Galvão e os Bezerra, para citar exemplos.

Motivados pelo *silêncio* acerca da história e da descendência de famílias mestiças, e, amparados em literatura recente,¹³ rastreamos sua existência em diversos pontos da Freguesia do Seridó, sobretudo, com o auxílio da documentação paroquial, cruzada com documentos judiciais e administrativos. Focamos nossas atenções em três famílias, que se instalaram na ribeira do rio São José, tributário do rio Seridó: os Mendes da Cruz, os Pereira da Cruz e os Pereira da Rocha, descendentes, respectivamente, de Nicolau Mendes da Cruz, de Francisco Pereira da Cruz e de Feliciano da Rocha de Vasconcelos. Esses três patriarcas, pelos estudos que empreendemos, mantinham estreitos laços de parentesco consanguíneo e ritual, situando-se em fazendas localizadas na ribeira do São José: a fazenda homônima, a fazenda do Saco e a fazenda das Barrentas.

Nicolau Mendes da Cruz é o mais antigo dos três patriarcas. Crioulo forro e natural da Capitania de Pernambuco, é possível que tenha lutado nas tropas coloniais – aventamos a hipótese de ter feito parte do Terço dos Henriques – contra os indígenas revoltados, nos episódios da Guerra dos Bárbaros. Isso poderia ter-lhe motivado a requerer uma retribuição por seus serviços prestados na guerra, na forma de concessão de terra para estabelecer-se. Caso é que, em 1717, Nicolau Mendes já estava com família e escravos na ribeira do Sabugi, provavelmente como posseiro. Nessa época, recebeu sua primeira sesmaria, no Riacho *Boxoyo* – posteriormente, chamado de São José –, para onde se transferiu, levantando fazenda de gado, onde cresceram seus filhos e netos.

Esse crioulo forro recebeu mais três sesmarias na ribeira do São José e regiões adjacentes entre as décadas de 1720 e 1740, além do que, nos anos de 1750, já tinha a patente de sargento-mor, provavelmente, ligada ao Regimento das Ordenanças da Ribeira do Seridó. Um reconhecimento, certamente, pelo prestígio social que conseguira granjear como senhor de terras, de gado e de escravos, malgrado sua origem no mundo da escravidão. Observando a primeira geração dos descendentes de Nicolau Mendes, que era casado com Maria da Silva, percebemos um certo empenho em conservar o seu reconhecimento. À exceção do filho homônimo Nicolau Mendes da Silva, que, assim como o pai, tinha a patente de sargento-mor, suas duas filhas contraíram matrimônio com pessoas que poderiam dar importância a sua prole: Ana Mendes da Silva casou com o capitão Manuel Antonio das Neves, que obteve sesmarias do governo da Capitania do Rio Grande e Domingas Mendes da Cruz com Antonio Carneiro da Silva, português, natural de Lisboa.

A família de Nicolau Mendes da Cruz e de Maria da Silva, instalada às margens do antigo riacho Boxoyo desde as primeiras décadas do século XVIII, disseminou-se por essa ribeira e, mesmo, fora dela. Criando gados nos chãos da planície e plantando lavouras nas terras altas da Serra da Formiga, a progênie do crioulo forro Nicolau Mendes misturou-se com indivíduos de diversas qualidades e condições – pretos cativos, pardos, brancos –, originando uma parentela mestiça, da qual alguns membros obtiveram certo prestígio na sociedade sertaneja – seus netos Vitoriano Carneiro e José Domingues, por exemplo, também tiveram patentes, possivelmente ligadas ao Regimento das Ordenanças da Ribeira do Seridó.

Manuel Esteves de Andrade, provavelmente vindo da Paraíba, chegou à ribeira do Seridó aproximadamente na mesma época que seu primo, o crioulo forro Nicolau Mendes, a quem adquiriu a terra da fazenda Saco, onde residiu. A literatura regional fala de Manuel Esteves, que também tinha patente de sargento-mor, como sendo um homem religioso, a julgar pela doação que fez, nos anos de 1730, de um sítio de terras para constituir patrimônio de Nossa Senhora da Guia, em honra de quem ajudou a levantar um pequeno templo, na mesma década.

Manuel Esteves não deixou descendentes diretos, mas, vendeu a propriedade do Saco para os sobrinhos Francisco Pereira da Cruz e Antonio José

Pereira, que casaram – o segundo com uma sobrinha, filha do primeiro – e se constituíram enquanto criadores de gado nas terras banhadas pelo riacho do Saco, tributário do rio Quinquê e, este, do São José. Ambos os sobrinhos, após a morte de Manuel Esteves, fizeram doação de novo quinhão de terras para o patrimônio de Nossa Senhora da Guia, ato que, decerto, fez com que continuassem, como seu tio, a serem considerados homens de respeito na região. Além de vários casamentos de seus filhos com gente parda – e, uma neta, com um índio –, merece ser ressaltado o casamento da filha Joana Maria com o primo legítimo Feliciano da Rocha Júnior, filho de Feliciano da Rocha de Vasconcelos e de Paula Pereira de Jesus.

Esse casamento selou as relações de consanguinidade entre os Pereira da Cruz e os Pereira da Rocha, vez que Paula Pereira de Jesus era irmã de Francisco Pereira da Cruz. Seu esposo, o preto forro Feliciano da Rocha de Vasconcelos, que, em meados do século XVIII, chegou à Freguesia do Seridó como vaqueiro de Antonio Pais de Bulhões, que morava no riacho São José, vizinho à família de Nicolau Mendes da Cruz. A história de Feliciano da Rocha, além de ter sido recolhida da tradição oral por Manuel Dantas e publicada em *Homens de Outr'ora*, é bastante conhecida dos sertanejos. Morador em Camaratuba, no litoral da Capitania da Paraíba, onde era escravo, ajudou Antonio Pais de Bulhões, em ano de grande seca, vendendo-lhe farinha para o abastecimento da família. Em gratidão, anos depois, o fazendeiro retornou a Camaratuba e comprou Feliciano da Rocha, dando-lhe carta de alforria e concedendo-lhe uma de suas fazendas para cuidar, como vaqueiro.

Com o tempo, possivelmente através do sistema da *quarta*, Feliciano da Rocha amealhou pecúlio e adquiriu terras e gado, tornando-se um respeitado criador nas redondezas. Dos seus vários filhos, nascidos na fazenda Barrentas, mencionamos aqui Severina Pereira da Rocha, que casou com o português Antonio José da Silva, dando origem ao poço do Roçado – uma alusão ao nome do sítio onde este casal morou. Uma filha de Antonio José e Severina Pereira, Antonia Maria dos Santos, contraiu matrimônio com outro português, Joaquim Antonio dos Santos, natural da Cidade do Porto. Percebemos, da mesma forma que ocorreu com a família de Nicolau Mendes da Cruz, uma tentativa de *branquear* a descendência, ou, ao menos, de torná-la aparentada, igualmente, de indivíduos que

não tinham, em sua origem, a mancha da escravidão. Caso é que diversos descendentes de Nicolau Mendes e de Feliciano da Rocha, como indicam os geneagramas que construímos, foram qualificados como *brancos* nos documentos paroquiais.

Segundo Sinval Costa, estudioso da genealogia do Seridó, há descendentes de Nicolau Mendes da Cruz, ainda hoje, espalhados pelos municípios banhados pelo rio São José: as famílias de Raimundo Bezerra, de Celso Clementino (em Cruzeta), de Catarina de Sena, do ferreiro Antonio (genro desta última), de Inácio Bode, de Marcelino Peba (em São José do Seridó), além de ramos dos Góis, dos Franciscos, dos Belisários e dos Gonçalves.

Os descendentes de Manuel Esteves de Andrade, até bem recentemente, encontravam-se residindo no Saco, ou mesmo, na cidade de Acari. Jayme da Nóbrega Santa Rosa, nos anos de 1970, constatou a presença de um funcionário da Prefeitura Municipal de Acari, chamado Neônio Manuel dos Santos, cuja família vinha de Chico Pereira e Cosma Maria. Deste casal também era descendente uma senhora falecida nos anos de 1940, conhecida como Chiquinha Viúva, mãe de Sebastião da Viúva, vaqueiro de José Sancho, que adquiriu a fazenda do Saco "(...) procedente do padre Modesto, antigo proprietário".¹⁴ No final dos anos de 1990, a equipe do Museu Histórico de Acari, ao realizar pesquisa sobre as antigas fazendas do município, entrou em contato com os senhores Cícero Nunes e Manuel Nunes, moradores do Saco dos Pereira e também descendentes de Francisco Pereira da Cruz.¹⁵ Em 2012, ainda em Acari, conhecemos, pessoalmente, outra descendente do povo do Saco: dona Maria Celsa Nunes, de 92 anos, residente no Abrigo de Idosos da cidade.¹⁶

Parte da prole de Feliciano da Rocha de Vasconcelos, por sua vez, encontra-se morando no município de Acari. Em 2012, nessa cidade, entramos em contato com Suzete Suely da Rocha Córdula, de 54 anos, uma das filhas de Nelson Feliciano da Rocha (conhecido, popularmente, como Nelson Buchão). Este era filho de Horácio Feliciano da Rocha, que, segundo a neta Suzete, era neto ou bisneto de Feliciano da Rocha de Vasconcelos. Outro descendente de Feliciano da Rocha que conhecemos, este, pelo ramo de Severina Pereira, casada com Antonio José, é Joselito Jesus de Araújo Silva, de 41 anos, conhecido popularmente como Jesus de

Rita de Miúdo. Mantém, desde 2004, ininterruptamente, o fotoblog “Acari do meu amor”,¹⁷ onde publica crônicas acerca da história e da cultura de Acari.

Embora não tenhamos todas as respostas acerca de como se deu, até os dias de hoje, o processo de transmissão da terra nas antigas datas de São José, do Saco e das Barrentas, podemos afirmar que, entre o século XVIII e a primeira metade do século XIX, os Mendes da Cruz, os Pereira da Cruz e os Pereira da Rocha territorializaram o espaço da ribeira do rio São José, tributária da ribeira do Seridó, onde construíram suas famílias. Os filhos, netos, bisnetos e trinotos de Nicolau Mendes, de Francisco Pereira e de Feliciano da Rocha, por meio de parentesco consanguíneo e ritual, estabeleceram importantes conexões com grupos familiares provindos de colonizadores portugueses ou luso-brasílicos, que, assim como eles, sobreviveram do sustento que lhes dava a criação de gado, a pequena lavoura e, eventualmente, os ofícios mecânicos. Com o estudo que realizamos, baseado na reconstituição das genealogias dessas famílias mestiças, poderemos contar, para os descendentes dessas parentelas, como viveram seus ancestrais e de que maneira se relacionaram com os demais moradores das fazendas do sertão essas *outras famílias do Seridó*.

Notas

¹ Doravante, Freguesia do Seridó, forma diminuta da invocação “da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó”, denominação oficial dessa instância religiosa, criada em 1748.

² As mestiçagens são compreendidas, conforme o pensamento de Serge Gruzinski, enquanto misturas de homens, imaginários e formas de vida oriundos das quatro partes do mundo – América, Europa, África e Ásia –, em decorrência da ocidentalização promovida pela empresa ultramarina ibérica, que toma corpo a partir do século XVI (GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 62). Antes de Serge Gruzinski problematizar esse sentido que também dá tons positivos à mestiçagem, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, no Brasil, já haviam proporcionado um amplo debate sobre a importância das misturas entre portugueses, nativos e africanos para a constituição da cultura brasileira (FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 51.ed. Rio de Janeiro: Global, 2006; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994).

³ Para fins deste trabalho, estamos utilizando a expressão *homem de cor* para se referir aos sujeitos que não são brancos. Neste caso, Nicolau Mendes da Cruz era crioulo forro, Feliciano da Rocha de Vasconcelos foi tratado, pela tradição oral, como “preto” e, também, foi alforriado, e, Francisco Pereira da Cruz, a julgar pelas evidências que angariamos, era pardo.

⁴ REVEL, Jacques. Prefácio: a história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 35. O debate acerca do uso das escalas na micro história é levantado pelo autor do prefácio em Id. (org). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Carlo Ginzburg também comunga dessa necessidade de diálogo entre o micro e o macro,

justificando-o como necessário, até mesmo, como componente que norteará a narrativa historiográfica (GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito*. In: Id. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 276-7).

⁵ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 135. Esse mesmo posicionamento quanto à necessidade de um procedimento dialógico entre o micro e o macro, na análise micro-histórica, é reivindicado por BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, Catalão, GO, v. 7, n. 7, p. 170-1, jul./dez. 2007.

⁶ GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷ GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: _____. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-91.

⁸ Partindo das discussões empreendidas pela Escola dos Annales no início do século XX, admitimos que por *fonte histórica* se possa atribuir a qualquer vestígio deixado pelo homem, passível de utilização para se reconstituir fragmentos do passado (LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 540).

⁹ GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; Id. **Las cuatro partes del mundo: historia de una mundialización**. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

¹⁰ MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte: história e mestiçagens**. Natal: EDUFRRN, 2011.

¹¹ MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Colonos portugueses e luso-brasilícos na formação de agrupamentos familiares na Freguesia do Seridó (1788-1811). **Clio – Série História do Nordeste**, Recife, v. 29, n. 2, 2011.

¹² AUGUSTO, José. **Famílias Seridoenses**. 2.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002; MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

¹³ COSTA, Sinval. **Os Álvares do Seridó e suas ramificações**. Recife: ed. do autor, 1999; BORGES, Cláudia Cristina do Lago. **Cativos do Sertão: um estudo da escravidão no Seridó, Rio Grande do Norte**. 2000. 131f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000; MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais: patrimônio familiar e cotidiano nos sertões do Seridó (século XVIII)**. 2007. 300f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007; LOPES, Michele Soares. **Escravidão na Vila do Príncipe, Província do Rio Grande do Norte (1850-1888)**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

¹⁴ SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega. **Acari: fundação, história e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. p. 42.

¹⁵ ACARI. Prefeitura Municipal. Museu Histórico de Acari. Fazenda Saco dos Pereiras. In: Id. **Fazendas do Acari: origem e contemporaneidade**. Acari: [s.n.], 1996. Danycelle Pereira da Silva, em pesquisa de campo para a produção de sua monografia de graduação em Ciências Sociais, entrou em contato e entrevistou seu Raimundo Nunes, de 80 anos, um dos últimos parentes vivos de Cícero e Manuel Nunes, já referidos (SILVA, Danycelle Pereira da. **O escravo que virou coronel: lembranças de Feliciano José da Rocha**. 2012. 96f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012).

Agradecemos à companhia da Prof^a. Maria da Guia de Medeiros, à época, Coordenadora do Museu Histórico de Acari, que nos levou até o Abrigo de Idosos para conhecer dona Maria Celsa Nunes.

¹⁷ O fotoblog “Acari do meu amor” está hospedado no endereço <<http://acaridomeuamor.nafoto.net>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

Referências bibliográficas

ACARI. Prefeitura Municipal. Museu Histórico de Acari. Fazenda Saco dos Pereiras. In: Id. **Fazendas do Acari: origem e contemporaneidade**. Acari: [s.n.], 1996.

AUGUSTO, José. **Famílias Seridoenses**. 2.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, Catalão, GO, v. 7, n. 7, p. 170-1, jul./dez. 2007.

- BORGES, Cláudia Cristina do Lago. **Cativos do Sertão**: um estudo da escravidão no Seridó, Rio Grande do Norte. 2000. 131f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2000.
- COSTA, Sinval. **Os Álvares do Seridó e suas ramificações**. Recife: ed. do autor, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 51.ed. Rio de Janeiro: Global, 2006.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 276-7).
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: _____. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-91.
- GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GRUZINSKI, Serge. **Las cuatro partes del mundo**: historia de una mundialización. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994).
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Edunesp, 1992.
- LOPES, Michele Soares. **Escravidão na Vila do Príncipe, Província do Rio Grande do Norte (1850-1888)**. 2011. 130f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2011.
- MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. Colonos portugueses e luso-brasílicos na formação de agrupamentos familiares na Freguesia do Seridó (1788-1811). **Clio – Série História do Nordeste**, Recife, v. 29, n. 2, 2011.
- MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Populações indígenas no sertão do Rio Grande do Norte**: história e mestiçagens. Natal: EDUFRRN, 2011.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **Rústicos cabedais**: patrimônio familiar e cotidiano nos sertões do Seridó (século XVIII). 2007. 300f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.
- REVEL, Jacques. (org). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- REVEL, Jacques. Prefácio: a história ao rés-do-chão. In: LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega. **Acari**: fundação, história e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. p.
- SILVA, Danycelle Pereira da. **O escravo que virou coronel**: lembranças de Feliciano José da Rocha. 2012. 96f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.